

História da Filosofia

15 Filosofia Epicurista

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

E hoje quero começar com os epicuristas, mas antes, gostaria de fazer alguns comentários sobre os cirenaicos. Certo. Tanto os cirenaicos quanto os cínicos, que abordaremos mais adiante, são mencionados por Kaufman, em sua introdução ao material sobre esse período, como escolas socráticas.

E, no entanto, ao lê-los, você perceberá que são muito diferentes de Sócrates, ou, ao ler sobre eles, perceberá que são muito diferentes de Sócrates. A observação socrática representa simplesmente um ponto de partida, não um ponto de concordância. O ponto de partida deles, tanto dos cirenaicos quanto dos cínicos, é o famoso ditado de Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo, conhece-te a ti mesmo".

O que, em Sócrates, naturalmente, tinha a ver com uma autocompreensão que poderia levar a um processo de aprimoramento da alma. E isso não era totalmente estranho aos cirenaicos e cínicos, mas o que eles consideravam ser a alma e o que a aprimoraria era marcadamente diferente. Os cirenaicos, em particular, contrastam com isso por serem claramente hedonistas.

Ou seja, o bem é o prazer. E era uma busca de prazer muito individualizada, portanto, um hedonismo egoísta. Meu prazer, hedonismo egoísta.

Mas na história da ética, eles se destacam, creio eu, como a primeira escola de pensamento claramente definida a defender o máximo prazer da máxima intensidade e da máxima imediatidade, por assim dizer. O máximo prazer da máxima intensidade e da máxima imediatidade. É uma espécie de hedonismo extremo.

Mas como chegaram a essa conclusão? Como chegaram a essa conclusão partindo do princípio de Sócrates de "conhece-te a ti mesmo"? Bem, o propósito do autoconhecimento é compreender o que proporciona prazer. Se você sabe o que lhe dá prazer, o que lhe traz satisfação, então você pode buscar o prazer. E assim, o autoconhecimento se torna um instrumento para fins hedonistas.

Conhecer a Cirenaica é uma questão de experiência sensorial. E é na nossa experiência sensorial que desfrutamos do prazer ou sentimos dor. E as sensações prazerosas são o que chamamos de bem.

Nós as desejamos. As sensações dolorosas que chamamos de ruins. Tentamos evitá-las.

E repare que a sensação implica que se trata de algo primordialmente físico. Não existe uma norma universal sobre o que as pessoas consideram prazeroso. Cada indivíduo simplesmente busca maximizar o prazer para si.

Agora, algumas ressalvas. Eles reconhecem que o excesso desenfreado causa dor na manhã seguinte à noite anterior. E, portanto, querem evitar esse excesso desenfreado.

Em outras palavras, mantenha o controle de si mesmo e do seu ambiente. Seja razoável nesse sentido. Mas, é claro, ser razoável é apenas um meio para um fim hedonista.

Certo? Bem, essa descrição é característica de Aristópo de Cirene. Cirene, claro, fica no norte da África. E é desse local que deriva o termo cirenaico.

Outra figura cujo nome chegou até nós nesse contexto é Hegasius, que se destacou por, embora hedonista, ser pessimista em relação à vida. Ou seja, o máximo prazer que podemos ter é a completa ausência de dor. Não podemos, de fato, produzir qualquer excesso de prazer.

Nesta vida. Então, já que o resultado mais feliz é a ausência de dor, o melhor a fazer é acabar com tudo. E ele se tornou um conselheiro de suicídio.

Dizem que ele foi afastado do cargo de professor porque estava perdendo alunos. E, compreensivelmente. Mas é um desfecho interessante.

Mas não é o único desse tipo. Para começar, existe toda uma literatura sobre a ética do suicídio. Começando por Hegesius e, mais recentemente, no século XX, com o escritor existencialista francês Albert Camus.

Entre esses dois extremos, muitos outros. E frequentemente, aqueles que encontram justificativa para o suicídio o fazem por razões hedonistas. Por razões hedonistas.

Ou seja, se você quer minimizar a dor, maximizar o prazer, e não há possibilidade de excesso de prazer, então, para minimizar a dor, o que resta? Entende? E esse tipo de racionalização surge nesse ponto. Bem, os cirenaicos representam um início interessante da ética hedonista.

Um tipo extremo que logo se modera. E, com o passar do tempo, os cirenaicos foram simplesmente absorvidos pelo crescente movimento epicurista, que é um tipo de hedonismo mais moderado.

Uma versão mais moderada. E os dois nomes importantes para nós no epicurismo são: Epicuro, que obviamente deu nome a esta corrente, e o poeta romano do primeiro século, Lucrécio.

Lucrécio. Cujas obras, *A Natureza das Coisas*, é, ah, um extenso poema filosófico. Existem traduções em verso branco disponíveis.

E se você se interessa por poesia que descreve toda uma cosmologia mecanicista e, a partir dela, desenvolve uma teoria da percepção sensorial e da ética, e uma teoria política, tudo em um único e extenso poema em verso branco, então, sem dúvida, dê uma olhada em *A Natureza das Coisas*. Como *A Natureza das Coisas* é um tanto vaga, algumas versões modernas lhe deram o título de *A Natureza do Universo*. O que a torna igualmente abrangente, é claro.

É que soa um pouco melhor do que "*A Natureza das Coisas*". O que são as coisas? Bem, todo o universo, entende? E é exatamente sobre isso que o poema trata.

Bem, o poema epicurista, então, sobre a natureza das coisas, o poema de Lucrécio, aliás, é na verdade uma tentativa de sistematizar, de desenvolver ainda mais, o que Epicuro havia feito no século III a.C. Lucrécio no século I a.C. Epicuro no século III.

E a concepção de prazer, que eles enfatizam, chamavam de ataraxia. Ataraxia. Aqueles de vocês com algum conhecimento de grego reconhecerão o alfa privativo, que é um prefixo negativo.

E o verbo tarasso, que significa importunar, perturbar, açoitar. Bater e espancar. Assim, ataraxia é, como eles a definiram, a libertação da dor no corpo e do sofrimento na alma.

Liberdade da dor no corpo e do sofrimento na alma. Portanto, a questão do prazer e da dor está ligada tanto ao corpo quanto à alma. Certo? Liberdade da dor no corpo, sofrimento na alma.

Alguns comentaristas observaram que a moderação pode ter sido consequência do fato de Epicuro sofrer de úlceras estomacais e, portanto, ter que evitar dores no corpo. Consequentemente, ele moderou, pelo menos, o lado físico do hedonismo. Mas, em todo caso, o que eles buscavam era uma vida de contentamento.

Uma vida de contentamento que encontrou a liberdade de tudo o que possa perturbar, incomodar ou atormentar. E por essa razão, Epicuro e Lucrécio fazem uma distinção qualitativa entre os prazeres. É fácil pensar em diferenças quantitativas entre os prazeres.

Isto é mais doloroso do que aquilo. Isto é mais prazeroso do que aquilo. Mas assim que você começa a tentar fazer isso, começa a perceber que as diferenças não são apenas uma questão de quantidade.

Você pode dizer que o dentista que anestesia a gengiva causa menos dor do que aquele que não anestesia. Uma comparação quantitativa dessa forma é bastante simples. Mas como comparar a dor de uma dor de dente com a dor de um amor rejeitado? É como comparar maçãs com laranjas.

Como compará-los? A questão qualitativa é muito mais complexa. E, no entanto, é essencial. Por isso, eles se preocupam com distinções qualitativas que são medidas não em termos quantitativos, mas em termos de alta qualidade versus baixa qualidade.

Alta qualidade versus baixa qualidade. Onde os prazeres de maior qualidade são, naturalmente, os prazeres da boa companhia, dos bons amigos. Os prazeres da educação.

O prazer de viver em uma sociedade justa. De ter o que a natureza exige, em vez de se entregar constantemente aos excessos. Eis os prazeres superiores.

E a questão é que os prazeres superiores são intrinsecamente mais prazerosos. E mais intrinsecamente prazerosos em si mesmos. Amizade.

Boa companhia. Aprendizado. E assim por diante.

Mais intrinsecamente. Bem, esse é o tipo de hedonismo que eles almejam. Mas o mais significativo é que eles tentam fundamentar esse hedonismo em uma metafísica .

E a metafísica em que se baseia é o atomismo, o materialismo atomístico de Demócrito. Agora, lembrem-se de Demócrito. Voltando aos pré-socráticos.

Você foi avisado de que precisaríamos tê-los ao nosso alcance. Mas Demócrito era o pluralista que sustentava que tudo é composto de átomos no espaço vazio. Produzidos por algum tipo de vórtice cósmico que gira esses átomos de várias formas e tamanhos.

Eles se combinam para formar compostos maiores. E tudo o que resulta desse processo aleatório produz o tipo de mundo em que vivemos. Bem, muito, muito semelhante, com apenas uma diferença específica que surge com Lucrécio e Epicuro.

Ou seja, em vez do vórtice cósmico que faz as coisas girarem, eles adotam o que lhes parece ser um ponto de vista empírico mais óbvio: tudo está constantemente desmoronando .

Assim, o movimento natural dos átomos é simplesmente queda vertical, queda vertical. E é a partir disso, das colisões que ocorrem, que os compostos se formam. Agora, para entender como ele desenvolve isso...

Vamos dar uma olhada nas seleções de Epicuro a partir da página 454. A imagem que ele apresenta aqui é uma representação clássica desse tipo de materialismo.

Uma imagem clássica. É uma imagem que surgiu durante o Renascimento, com a revolução científica que ocorreu na época.

Porque, como você sabe, houve uma revolução científica nos séculos XVI e XVII, envolvendo Galileu, Copérnico e sistematizada por Newton. Foi uma transição para uma explicação mecanicista.

Assim, todo o universo físico é explicado em termos do movimento de partículas de matéria sob o impacto de forças físicas. E os defensores dessa ciência citavam Demócrito com muita frequência.

Como a pessoa que mais os impressionou. Aliás, quando chegamos aos filósofos Francis Bacon e Thomas Hobbes, vemos que eles também citam Demócrito.

E apelar para esse tipo de atomismo demócrito. Assim, o quadro que temos é de importância duradoura. Atualizado em alguns aspectos, sim.

Certo, na página 454. 454 na primeira coluna. O parágrafo central, segunda frase.

Você percebe isso desde o início. Nada surge do que não existe. Este é um ditado grego clássico.

Clássico também no pensamento romano. Em latim, ex nihilo nihil fit. Do nada, nada vem.

Do nada, nada surge. Nada surge daquilo que não existe. E isso, claro, é característico de todos os pré-socráticos.

É característico de Platão e de Aristóteles. Os elementos são eternos. Os átomos são eternos, neste caso.

Se tudo é feito de átomos e espaço vazio, então átomos e espaço vazio devem ser eternos. Incrédulos, certo? Então, esse é o princípio básico.

De fato, é assim que ele prossegue no parágrafo seguinte. Ele diz que a totalidade do ser consiste em corpos e espaço. E logo à esquerda, na coluna seguinte, na soma das coisas.

É ilimitado devido à infinidade de átomos. E à imensidão do vazio. A infinidade de átomos, a imensidão do vazio.

Não um número finito, um número infinito. Vasto, sem fim. Portanto, os ingredientes básicos são bastante simples .

Em 455, primeiro parágrafo completo. Os átomos estão em movimento contínuo. Por toda a eternidade.

E então o parágrafo seguinte destaca que eles existem desde a eternidade. Átomos e um vazio. Mais tarde , ele diz que eles vêm em diferentes formas.

Formas diferentes, tamanhos ligeiramente diferentes. Mais tarde , no 457, se quiser verificar, 457. Ele destaca que, embora tenham formas diferentes.

Pesos diferentes. Tamanhos diferentes. É tudo o que podemos afirmar com base na observação.

Ele está fazendo uma distinção que se torna muito importante: entre qualidades primárias e qualidades secundárias, como serão chamadas mais tarde .

As qualidades primárias são propriedades espaciais. Tamanho, forma, ocupação espacial, densidade, portanto, peso. Mas não as qualidades secundárias.

Ou seja, as qualidades que percebemos através de órgãos sensoriais específicos . Cor, cheiro, sabor, som, tato, textura. Não qualidades secundárias.

Nos séculos XVI e XVII, isso se traduz no fato de que as qualidades primárias são vistas como objetivamente reais. Propriedades das coisas, corpos físicos. As qualidades secundárias são vistas como subjetivas.

Características baseadas apenas na sua experiência. Subjetivo. Características baseadas apenas na sua experiência.

Para fazer essa distinção, é necessária uma teoria da percepção sensorial. Como funciona a percepção sensorial ? Supondo que as qualidades secundárias sejam todas subjetivas, Epicuro sugere como ela funciona.

Na página 455, no topo da segunda coluna. Novo parágrafo. Onde ele diz que existem contornos ou películas que têm a mesma forma que corpos sólidos, mas são muito finas.

Para que não possamos vê-las. Essas películas transparentes se desprendem dos corpos físicos. Se são transparentes, não têm cor.

Você não consegue vê-los. Mas esses filmes, movendo-se pelo espaço, entram pelos órgãos dos sentidos, pelos olhos, por exemplo, e são percebidos internamente. E, sendo percebidos internamente, encolhem, mas mantêm a mesma forma.

E assim percebemos as formas. Sem cor. Sem cheiro.

Sem qualidades secundárias. Assim, as qualidades secundárias são qualidades da nossa experiência produzidas no processo, e não qualidades de objetos externos.

Certo? E essa é basicamente a teoria que encontramos em John Locke no final do século XVII. Que as qualidades secundárias podem ser causadas, em última análise, por estímulos físicos em conjunto com a mente, o cérebro e nosso aparato físico. Mas são puramente subjetivas.

São produzidos subjetivamente. Não possuem realidade objetiva. Afinal, neste universo materialista e mecanicista, lembrem-se do verso de Tennyson: "Posso eu aceitar algo tão morto, abraçá-lo para o meu bem mortal?" Sem cor, sem cheiro, sem sentimentos, este mundo material morto.

Entende ? Esse é o tipo de imagem que se desenvolve mais tarde , e começa a ficar implícita aqui em Epicuro. O espaço vazio, então, é ilimitado em todas as direções. Os átomos estão caindo verticalmente no espaço.

Como então colidem para produzir quaisquer mudanças possíveis? Combinações. E é Lucrécio quem deixa isso bem claro. Ele sugere que, no processo de queda, um átomo ocasional, sem nenhuma razão ou causa conhecida, desviará de sua trajetória.

Os lucrecianos desviam. É como uma bola brilhante lançada no beisebol que desvia no caminho e, assim, produz coisas. Bem, esse átomo desviado tende a desencadear uma reação em cadeia, como uma colisão em uma rodovia.

Colisão após colisão, combinação após combinação ocorrendo. E por mais fantasioso que pareça, o que ele está tentando dizer é que existe um elemento de indeterminação e imprevisibilidade na natureza. Um elemento de indeterminação e imprevisibilidade na natureza.

E é em virtude disso, de um elemento de indeterminação causal, que existe o fenômeno que consideramos liberdade humana, que na verdade ocorre quando há uma lacuna em padrões causais aparentemente ininterruptos. Portanto, é essa indeterminação causal que permite o imprevisível que consideramos um ato livre. Assim, o quadro se forma.

Vá um passo além, para a página 459. 459. E você encontrará a nota do editor na parte inferior da segunda coluna, que diz que a alma é composta dos átomos mais lisos e arredondados.

O átomo mais liso e arredondado. Sim, então você tem basicamente uma visão materialista da alma. Ele diz que parte dela é irracional, espalhada pelo resto do corpo.

A parte racional reside no peito, como se manifesta nos medos, na alegria e assim por diante. E assim a alma, então, é fisicamente composta, permeia todo o corpo, um espírito vital. E sendo material na morte, a alma, isto é, aqueles pequenos átomos redondos e lisos, escapa com tanta facilidade do corpo.

Portanto, não existe imortalidade. Mas é aqui que ele explica a experiência do prazer. Porque se os átomos da alma forem lisos e redondos, sentirão dor; serão empurrados e irregulares como resultado da presença de átomos ásperos.

Formas ásperas e irregulares podem ser perturbadoras para a alma. Já átomos suaves e arredondados, como aqueles que encontramos em conversas com bons amigos ou em discussões razoáveis, podem proporcionar sensações reconfortantes de prazer. Portanto, existe uma fisiologia subjacente à experiência da dor.

Agora, resta falar sobre a razão. O que é a razão? Bem, a razão é simplesmente uma atividade da mente, da alma, causada, sim, por um processo físico, que organiza nossa experiência e nomeia as coisas, o que faz parte do processo de organização. Organiza- as e nomeia -as.

E o resultado é um uso da linguagem puramente convencional. As palavras simplesmente têm significados convencionais. Mas não apenas as palavras, mas também a forma como organizamos nossa experiência em qualquer comunidade, em qualquer sociedade.

Portanto, a maneira como aprendemos a pensar sobre as coisas e a compreendê-las, nossa compreensão teórica das coisas, também é puramente convencional. Assim, se ele estivesse falando sobre ciência hoje, teria uma visão convencionalista da ciência, entende? Ou seja, nossa melhor compreensão científica é simplesmente uma convenção social.

Formas convencionais de falar sobre as coisas. Essa é uma visão que tem sido defendida repetidamente ao longo da história da ciência, até o século XX. De forma alguma a única, é claro, mas é algo recorrente.

Bem, a observação final desta carta a Heródoto encontra-se no final, nas páginas 62 e 63, quando ele fala sobre a morte. Se não há vida após a morte para nos preocuparmos, então a morte não precisa causar problemas na mente. E se não há vida após a morte, então não haverá dor no corpo.

Portanto, se a morte não traz dor no corpo nem perturbação à mente, ela não nos causa incômodo ou problema, entende? E assim, afastamos o medo da morte. Suponho que se deva dizer que isso, diante da crescente influência das religiões orientais e dos cultos de mistério, foi algo bem-vindo entre alguns helenistas e alguns romanos.

Eles acharam isso libertador. Agora, os resultados disso, vocês encontram na seleção seguinte, intitulada "Doutrinas Principais", onde as primeiras páginas simplesmente falam sobre hedonismo, a busca pelo prazer, e a maneira como isso é moderado, mas ainda assim sustentado. Mas o que eu quero destacar são os comentários na última página, a 466, sobre justiça.

Sobre justiça. Pois uma coisa é um individualista buscar o prazer individual independentemente do que acontece aos outros. Mas outra coisa é alguém com um hedonismo mais refinado ser capaz de buscar o prazer com total desprezo pelos tipos de injustiça que são tão produtivos de dor em vez de prazer.

Se estamos falando de prazeres sociais, dos benefícios da sociedade, então precisamos de algum tipo de organização social para garantir que as consequências prazerosas sejam asseguradas, previsíveis e estáveis.

Então, o que entendemos por justiça? Observe a declaração no início do parágrafo 31 da página 466: 1. A justiça natural é uma expressão de conveniência. Impedir que alguém cause dano ou seja prejudicado por outrem.

Expressão de conveniência. 33. Nunca houve justiça absoluta.

Mas apenas em um acordo firmado em uma relação recíproca. Prevenindo a imposição ou o sofrimento de danos. Portanto, a justiça é algo puramente convencional.

E 34. A injustiça não é em si um mal. Não há nada intrinsecamente errado com a injustiça.

Mas apenas em suas consequências. No terror provocado pela apreensão. De que aqueles encarregados de punir descobrirão a injustiça.

Portanto, você não tem apenas um tipo convencional de linguagem. Não apenas uma ciência convencional. Mas também uma ética convencional.

Uma ética convencionalista. Nenhuma outra base. Afinal, se vivemos em um mundo de forças materiais cegas.

Um mundo composto de átomos desprovidos de quaisquer propriedades espaciais além das primárias. Que fundamento existe para uma ética que vá além da busca pelo prazer que tal mundo possa oferecer? Não haverá nenhum. Portanto, a preocupação com a justiça não se baseia em quaisquer direitos intrínsecos.

Não por necessidade de igualdade de justiça para todos, mas simplesmente por uma questão de utilidade social. Portanto, trata-se de um arranjo puramente convencional.

Sem qualquer outro controle além de suas consequências hedonistas. Bastante óbvio. Bem, este é, como eu disse, o tipo de hedonismo desenvolvido sistematicamente.

De Epicuro, Lucrécio. E encontraremos algo muito, muito parecido no século XVII. Quando chegarmos a Thomas Hobbes.

Alguém aqui conhece Thomas Hobbes, o escritor inglês do século XVII? Mais conhecido hoje como teórico político. Que, sim, tinha uma visão materialista do universo e da natureza humana.

Uma espécie de atomismo, semelhante ao de Demócrito. Uma ética hedonista. Uma ética baseada numa explicação fisiológica do prazer e da dor.

Uma concepção de justiça social como um arranjo convencional baseado em uma espécie de contrato social. A fim de garantir uma espécie de autopreservação. Qual é a necessidade mínima em uma vida hedonista?

Então, Lucrécio oferece uma espécie de paradigma de sistemas materialistas. Uma das coisas que você notará ao longo da história do pensamento. Será que isso é um certo tipo de metafísica?

Frequentemente, embora nem sempre, leva ao mesmo tipo de ética. Um certo tipo de metafísica leva ao mesmo tipo de ética. Não com completa uniformidade.

Às vezes, pode se desdobrar em duas ou três outras direções possíveis. Mas, com muita frequência, uma ética hedonista resulta de uma metafísica materialista. E por razões compreensíveis.

Certo, alguma pergunta ou comentário? Dr. Chappell. Lucrécio teria reconhecido milagres? E, se sim, isso faria parte do atalho? Não creio que ele teria reconhecido milagres. Embora eu não tenha certeza se ele tinha uma concepção suficientemente clara das leis naturais.

Para sermos capazes de distinguir entre o natural e o milagroso. Entende o problema? Se aquilo que chamamos de lei natural é simplesmente uma distinção convencional.

Organização convencional dos fenômenos. Então ele poderia muito bem falar de algum ato incomum. Bem, aí está outro trabalho de classificação a ser feito.

Agora, em Lucrécio, às vezes é difícil distinguir entre a tradição poética ... Na qual um poeta invoca a ajuda dos deuses... Qual Lucrécio... faz.

Você verá. E a crença genuína. Na medida em que ele fala dos deuses, e não apenas os invoca.

Ele os vê, na melhor das hipóteses, como seres físicos e mortais, com poderes muito limitados. Agora, eles podem ter poderes sobre-humanos.

Mas eles ainda não podem nos atormentar daqui para frente. Então, por que ter medo deles? Você verá. Na verdade, Lucrécio diz que esse é o principal objetivo do que ele está escrevendo.

É para dissipar os medos que mantêm as pessoas em cativeiro há tanto tempo. O cativeiro do medo supersticioso. Algo mais? Sim, Janelle.

Ele tem alguma noção de alma? Ele usa o termo alma. Assim como outros gregos, ele o usa. Ele tende a ver a alma e a vida.

Essencialmente sinônimos. Ao contrário dos vitalistas como Aristóteles, que não considera a alma como composta de algo diferente da matéria.

A alma ainda é composta de átomos. Você vai ver. Não é uma força vital ou algo do tipo.

E, ao contrário do dualismo de Platão, a alma certamente não é uma entidade eterna e imaterial. Alma racional. Não.

Assim, a alma é simplesmente uma configuração diferente de diferentes tipos de átomos. Mas tão perecível quanto o corpo. Pois, uma vez que esses átomos pequenos, lisos e arredondados são liberados do corpo, não há nada que os mantenha unidos.

Eles estão apenas dispersos. Certo. David.

Sim. Sim. Bem, acho que se pode dizer que moderação é importante em tudo.

Não tenho certeza se precisamos aprender isso com Epicuro. Mas, se for necessário, aprenda com Epicuro. Não, acho que o principal a se ter em mente sobre o hedonismo é que, do ponto de vista da ética cristã, seu erro não está em considerar o prazer como bom, mas em considerar o prazer como o bem.

O bem supremo. O bem que abrange tudo . Afinal, uma ética cristã não é exatamente o que se poderia chamar de ascética, no sentido de considerar todo o prazer como algo ruim.

Não, dificilmente. Em Demócrito e Lúcio. Sim.

Eles falavam de tudo ocorrendo por necessidade. Sim, sim. Será que eles compartilham desse conceito, ou será que acreditam que este é realmente um mundo aleatório e baseado no acaso? Sim, eles ainda falam de necessidade causal como resultado de processos materiais, processos causais, colisões de átomos.

Mas existe essa nota de aleatoriedade, entende? Acho que provavelmente é um erro se apegar a uma nota de aleatoriedade ou indeterminação e dizer: "Ah, isso torna a liberdade possível". Como se a liberdade fosse nada mais que um evento aleatório, entende?

Ora, se liberdade significa alguma coisa, significa que existe um agente capaz de escolher uma ação sem necessidade causal, entende? Quem é capaz de escolher uma ação sem necessidade causal? E embora certamente haja uma aleatoriedade que implica ausência de necessidade causal, pelo menos sem previsibilidade, não tenho certeza se existe algum agente livre para escolher uma ação.

Em certo sentido, um ato aleatório ainda faz parte de uma cadeia causal. Ele pode ser desencadeado em uma direção aleatória, mas a cadeia causal permanece.

Sim. Aliás, no século XX, quando o princípio da indeterminação de Heisenberg foi descoberto, na década de 1920, houve algumas pessoas, como John Dewey, que se apropriaram do princípio de Heisenberg e disseram: "Ah, isso mostra que a liberdade humana é possível". É mais ou menos a mesma coisa que Epicuro e Dúrcio fazem.

Você conhece o princípio da indeterminação de Heisenberg? Ou seja, em termos submoleculares... Em relação ao comportamento, é impossível prever, dentro de uma certa margem, tanto a direção quanto a velocidade das partículas envolvidas. E duas interpretações foram feitas sobre o princípio de Heisenberg, que também poderiam ser aplicadas à indeterminação em Lucrécio. Uma delas é a de que existe uma indeterminação real, uma aleatoriedade real na natureza.

E a outra possibilidade é que nossa instrumentação tenha efeitos desconhecidos, de modo que somos incapazes de prever. Em outras palavras, pode ser apenas uma confissão de ignorância científica. E suponho que se poderia dizer o mesmo sobre a manobra de Lucrécio.

Será que se trata de uma indeterminação real, ou simplesmente de desconhecemos a causa? E é difícil encontrar uma solução para isso. Bem, vamos passar para o segundo item da nossa lista: os cínicos e os estoicos. E aqui, novamente, voltamos às escolas socráticas e falamos sobre os cínicos, sim, por volta de 400 a.C. Talvez você queira dar uma olhada no preâmbulo da seção de Kaufman sobre os helenistas, pois ele dedica um parágrafo longo e interessante aos dois principais cirenaicos.

Agora, voltando ao assunto, eu disse os dois principais cirenaicos? Os dois principais cínicos, a saber, preciso verificar o nome, me escapa à memória. Memória fugaz, Antístenes e Diógenes. Antístenes era, suponho, o que hoje chamaríamos de contracultura, em sua essência.

A ponto de não querer ter nada a ver com a vida normal e ter feito da banheira sua casa. Rejeitando toda a sociedade organizada e as instituições sociais. Defendendo que os indivíduos devem ser completamente autossuficientes e independentes.

Tanto que seu estilo de vida lhe rendeu o nome de um animal, o cão. E, claro, a palavra grega para cão é koune, e é de koune que deriva a palavra cínico. Então, os cínicos literalmente tinham ido para os cães, entende?

Eles eram vistos dessa forma por seu estilo de vida completamente contracultural e contestador. Não diria que eram párias virtuais, mas pelo menos tinham se afastado, vivido à margem da sociedade. Diógenes, de maneira semelhante.

Conta-se que Alexandre, o Grande, ouvira falar de Diógenes e foi falar com ele, perguntando se havia algo a se fazer a seu respeito. Ao que Diógenes respondeu: "Sim, saia da luz". Essa era a sua maneira de lidar com a autoridade.

Saia da minha frente. Saia da luz do sol. Saia do meu caminho.

Você está bloqueando a luz. Essa é a atitude completamente anti-sistema. O principal significado desses cínicos, então, reside em seu apelo de volta à natureza.

De volta à natureza. O que é adequado para nós pela natureza? E isso representa um pouco da tensão que já existia na Atenas de Sócrates e Platão. Uma tensão entre a natureza e o costume ou a convenção.

Veja bem, phusis versus nomos. Nomos significa lei ou costume. Entende?

A ética de Aristóteles era uma ética da phusis, da natureza, da natureza. Veja bem, toda a sua ênfase está na natureza. A filosofia de Aristóteles está igualmente enraizada na natureza do ser humano, com os três elementos da alma e suas virtudes correspondentes.

Mas os cínicos, não, eles também se preocupam, sim, com a natureza, mas com a natureza num sentido diferente. Eles veem os conceitos de natureza em Platão e Aristóteles como meras convenções gregas. Você sentiu isso em relação às virtudes de Aristóteles? Que as virtudes particulares Os nomes que mencionamos são, em muitos casos, não todos, mas em muitos casos, virtudes da aristocracia grega.

Veja bem. A magnificência é uma das virtudes. Bem, isso me lembra as antigas virtudes aristocráticas homéricas.

Veja bem, os cínicos aparentemente perceberam isso. E por isso querem mesmo voltar à natureza, a um estilo de vida muito mais simples e independente.

Sem a complexidade das estruturas sociais que se desenvolveram obviamente na cultura ateniense e que Platão e Aristóteles estavam simplesmente reformando, mas mantendo. O indivíduo, em seu íntimo, é autossuficiente e não precisamos de propriedade.

Não precisamos de governos. Não precisamos de casamento nem de família. Independência total.

Note que o termo "cínico" chegou até nós com um significado um tanto diferente. Faz sentido? Diferente, mas semelhante. A semelhança? Sim, alguém que é cínico em relação às maneiras estabelecidas de fazer as coisas.

Certo. Alguém que é cínico em relação a certas crenças estabelecidas. É nesse sentido que você vê o cínico.

Mas diferente porque o cínico da antiguidade defendia uma alternativa mais positiva: o indivíduo autossuficiente, o retorno a uma existência natural e simples.

Sem os adornos da cultura. Se preferir, pode-se encarar a questão fundamental como a de saber se os problemas que os seres humanos enfrentam neste mundo são produtos da cultura ou se são produtos da natureza, incluindo a natureza humana.

Creio que seja justo dizer que Platão via os problemas de uma sociedade como produtos da natureza humana, que precisa ser controlada racionalmente. Já os cínicos parecem enxergar os problemas como produtos da cultura.

Precisamos, portanto, retornar à natureza. Os cínicos querem que a natureza nos salve da cultura. Platão e Aristóteles querem que a cultura nos salve da nossa natureza.

Ao contrário. Certo. Bem, essa influência cínica forneceu, eu diria, o ponto de partida moral.

Algo que os estoicos posteriormente adotaram. Afinal, a ênfase está na atitude estoica: imune aos inconvenientes e autossuficiente.

Ora, o que era necessário para produzir a filosofia estoica, não era apenas a ética cínica.

Mas era a metafísica de Heráclito. Então, se você gosta de Heráclito e dos cínicos, juntos eles deram origem aos estoicos. De maneira semelhante a como Demócrito e os cirenaicos juntos levaram aos epicuristas.

Entendeu? E quanto a Heráclito? Bem, espero que você se lembre que Heráclito era um daqueles pensadores de dupla perspectiva. A natureza tem dois lados: um ativo e um passivo .

Existe ordem e existe mudança. Existe a estrutura do Logos que proporciona unidade ordenada. E existe um mundo de vapor incandescente que muda sua manifestação em um processo contínuo.

Nunca é a mesma coisa duas vezes. Essencialmente, o que os estoicos fazem é adotar Heráclito. A cosmologia é metafísica.

Vivemos num mundo de mudanças, que passa por ciclos. De desintegração ardente, onde tudo é consumido pelo fogo. E então, gradualmente, é reconstruído.

Renovado. E então seguido por outra integração ardente. E o que dá ordem a todo esse processo cíclico de mudança cósmica é um princípio ordenador.

Aquilo que Heráclito chamava de , sim, Logos. Logos. Veja só.

A igreja primitiva adotou o Logos estoico de forma consciente e deliberada, tomando o termo dos estoicos.

Falaremos sobre isso daqui a algumas semanas. O movimento estoico em si teve uma longa história. Houve um movimento estoico inicial representado por um homem chamado Zenão.

Cleantes. E Crisipo. Esses foram os primeiros estoicos gregos.

Os primeiros estoicos gregos no século III a.C. Houve um período intermediário que durou mais algumas centenas de anos. E então, um florescimento do estoicismo romano.

O estoicismo romano envolveu Sêneca, Epicteto e o imperador Marco Aurélio.

E teve uma enorme influência sobre Cícero, devido aos seus escritos em filosofia política e filosofia do direito. E a formação da jurisprudência romana teve, por sua vez, uma enorme influência na formação de toda a tradição do direito romano.

Que foi então transmitida para a Idade Média. Assim, a filosofia política e jurídica na Idade Média e na época moderna foi profundamente influenciada pelos estoicos. Portanto, temos uma história bastante rica.

Frequentemente dividido em três partes. História do estoicismo. O século III, os primórdios gregos.

Um período intermediário de assimilação. E depois o período romano, os dois primeiros séculos d.C.